

## Experiência pedagógica com a documentação narrativa em contexto de diversidade: produção de si

Ana Lúcia Gomes da Silva

Professora do Curso de Letras Língua Portuguesa e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia –Uneb.  
analucias12@gmail.com

### Simpósio Temático nº–21: Gênero, Raça, Etnia, Sexualidade na Formação Docente

#### RESUMO

Este texto objetiva rastrear através de narrativa cartográfica o ato do formar e formar-se em devir, em torno da experiência pedagógica escolar em contexto de diversidade numa pesquisa em rede, realizada na Bahia em (2019-2020), e seus atravessamentos de gênero, classe social e raça que interrogam a docência e a prática pedagógica em devir. A formação materializou-se na troca de experiências narradas, escritas e comentadas, individual e coletivamente, com o intuito de que os relatos de experiências de cada participante da pesquisa ganhassem estatuto de conhecimento público sobre a Educação, como política de conhecimento. O método adotado foi a cartografia sugerindo uma investigação do processo formativo e a produção de dados em diálogo com as reflexões teóricas através dos conceitos de cartografia, (auto)cartografia e professoralidade. O dispositivo de construção de dados foi a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (DNEP). Os resultados apontaram com centralidade o processo formativo/auto formativo horizontal e dialógico, experienciado como sujeito participante da pesquisa, centrado no *ethos* da confiança, em que a experiência que narro sobre a minha formação em exercício, se configurou na produção de si, através dos deslocamentos e interpelações da diversidade na minha prática pedagógica, registrando pistas dos limites e potencialidades da interesccionalidade como chave de leitura dos processos da professoralidade na perspectiva do pensamento nômade. Destacou-se ainda como a contaminação híbrida acerca do pensamento nômade da cartografia, tomando a experiência como formação, trouxe contribuições para uma formação docente impregnada de arranjos múltiplos, como requerem os sujeitos da contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Experiência. Formação docente, Diversidade, Cartografia/(auto)cartografia, Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas.

#### Introdução

Este texto é resultado do mergulho na experiência entre pares através da formação realizada pelo Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade – Diverso, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc da Universidade do Estado da Bahia – UNEB em parceria com o Grupo de pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior– DIFEBA, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – MPED da

UNEB, campus IV Jacobina, e emerge da pesquisa intitulada *Profissão Docente na Educação Básica da Bahia*.<sup>1</sup> (RIOS, 2016)

Em sua terceira fase, a pesquisa matricial toma como objeto de estudo as práticas pedagógicas dos professores/as da Educação Básica em contexto de diversidade. A referida pesquisa está sendo realizada em dois municípios sede de territórios baianos, aos quais estão vinculados os grupos de pesquisa e os Programas de Pós-Graduação de que fazem parte. Assim, o estudo foi desenvolvido na primeira etapa iniciada em agosto de 2019 com a cidade de Salvador<sup>2</sup> e no período de agosto de 2020 a julho de 2021, iniciamos a segunda etapa nos municípios Salvador e Jacobina, sendo realizado online na plataforma *meet*, em virtude da pandemia da Covid 19 que assolou o mundo a partir de março de 2020. O primeiro município da pesquisa pertence ao território de identidade Metropolitano de Salvador e o segundo ao Piemonte da Diamantina. Nos dois territórios, a pesquisa é desenvolvida nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com docentes efetivos da rede municipal que estavam em atividade docente no ano de 2017, momento em que o questionário foi aplicado.

Com o tema geral *Formação docente e diversidade: documentação narrativa de experiência pedagógica* foi iniciada a formação on line em agosto de 2020 e teve sua culminância através do *Conversatório de Experiências Pedagógicas de Professores/as da Educação Básica*, em julho de 2021. A terceira fase teve início em 2019, como já mencionado e seguiu até 2021, com a constituição de uma *Rede de Professoras(es) Narradoras(es)*, por meio de experiências documentadas, a partir do dispositivo da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas.(DNEP).

O objetivo central deste texto é narrar a experiência da formação, explicitando o manejo da DNEP como dispositivo de pesquisa, com ênfase na escuta e na escrita da experiência pelos pares, refletindo acerca do seu potencial pedagógico, tomando a experiência como formação, a fim de dar visibilidade aos saberes-fazer<sup>3</sup> da docência, favorecido pela DNEP, acessando outras formas de conhecimento produzido pelos/as

<sup>1</sup>A pesquisa intitulada PROFISSÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO PIEMONTE DA DIAMANTINA: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas, faz parte da pesquisa matricial já citada e é coordenada pela prof<sup>a</sup> Ana Lúcia Gomes da Silva e na vice-coordenação a prof<sup>a</sup> Jane Adriana V. Pacheco Rios, ambas da Uneb.

<sup>2</sup>A experiência que narro neste texto teve como tema central *Experiências Pedagógica da Profissão docente* que na sua primeira etapa aconteceu presencial numa escola da educação básica no bairro do Cabula e com a pandemia que assolou o mundo, teve sua culminância online no *Conversatório* na plataforma do *google meet*. sem agosto de 2020. Ver no link: <http://www.observatoriodocente.uneb.br/index.php/livros/Acesso> em 09.12.21.

<sup>3</sup> Como nos convida Nilda Alves sem dicotomizar, e sim contaminar suas implicações e hibridismos.

docentes na constituição do vivido e refletido no cotidiano da escola. Desta formação participaram os/as coordenadores/as pedagógicos da educação básica da rede municipal de Salvador e professores/as-pesquisadores/as do Grupo Diverso, numa escrita autoral, encarnada na experiência teorizada narrativamente, recorrendo à memória da sua prática pedagógica, repensando sobre si na rede entretecida pela rede de professores/as narradores/as. O método adotado foi a cartografia sugerindo uma investigação do processo formativo e a produção de dados em diálogo com as reflexões teóricas através dos conceitos de cartografia e (auto)cartografia e de como estes conceitos contribuem para a constituição da minha professoralidade como inspiração epistemológica.

Para atender ao objetivo anunciado, organizei o texto em narrativas cartográficas, assim denominados: Narrativa cartográfica – 1. Concepção de cartografia e (auto)cartografia na constituição da professoralidade, apontando as rasuras produzidas ao longo da formação, a fim de tensionar os cenários formativos e a constituição da minha professoralidade. Na Narrativa cartográfica 2 – Apresento o manejo com o dispositivo da documentação narrativa em diálogo com os atravessamentos da/com na/pela diversidade em minha prática pedagógica. Nesta narrativa, a centralidade é o modo como operamos com a documentação narrativa, apresentando seu potencial pedagógico, considerando o contexto em que é produzido, numa experiência coletiva ancorada no real, que toma a prática pedagógica como reflexão, num movimento formativo e auto formativo.

Destacamos o *ethos* da confiança entre pares tomando a experiência como formação, considerando a concepção da professoralidade e seus desfazimentos de dentro e por dentro da experiência, com exercício analítico da prática, da escuta e da escrita construída como princípios balizadores da formação em rede elencando elementos das transformações proporcionadas pela formação, considerando o conhecimento produzido para/com a prática pedagógica em análise, a fim de produzir o inédito viável. E, finalmente, as conclusões em que sintetizamos os resultados gestados pela experiência entretecida na rede de narradores/as.

### **Narrativa cartográfica 1- Concepção de cartografia e (auto)cartografia na constituição da professoralidade**

Ao me cartografar exercito a escrita como modos de apropriação das leituras realizadas, dos estudos que me deslocaram, do que posso fazer com as leituras que fiz e tecê-las nesta narrativa polifônica, híbrida porque é tecida numa com-posição, a-fetada pelas minhas experiências no encontro com o outro, com o foradentro e o dentrofora das dobras das minhas subjetividades, sendo mais exterioridade que interioridade, pois ao dobrar sobre mim mesma, me dobro na relação com o outro, que é socialmente produzida, numa potência de vozes que ressoam em mim, me atravessam e compõem esta narrativa (auto)cartográfica, concebida com imagens, memórias, escritas, vozes, movimentos, mapas, fios e linhas em conexão. Eu, meus pares, [estudantes, colegas de profissão, funcionários técnicos administrativos] e o campo social, agindo e me constituindo docente.

Considerando que cartografar é acompanhar processos, destaca-se, aí, a processualidade do método, que “[...] se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós”. (BARROS e KASTRUP, 2015, p. 73). Assim, os aprendizados são construções que nos permitem a (auto)cartografia de nós mesmos e a reconstrução do que somos como pessoas e profissionais, já que a processualidade implica produção coletiva e permanente do conhecimento.

Neste sentido, a prática pedagógica transcende ao momento no qual ela se realiza, cuja narrativa dos praticantes – docentes e discentes, são tomadas na perspectiva de uma educação para a complexidade. Esta complexidade é da ordem do “tecer junto”, é mola propulsora para um conhecimento relacional que não contradiga o nosso discurso com a nossa prática, que as revoluções silenciosas se potencializem num trabalho diário em cada sala de aula e seus entornos, impulsionando-nos a sair da falsa “neutralidade aparente” para uma prática decente. Seríamos vozes desautorizadas pelo currículo oficial, mas que nos interessa conhecer e saber, para tecermos outros sentidos que habitam o território escolar. É sobre esta experiência (auto)cartográfica atravessada pela diversidade que povoa as paisagens da educação básica no entrelace com a universidade que pouso meu olhar.

Vou me constituindo docente na relação com os discentes, com os colegas de profissão, com o contexto onde atuamos. Percebi que a diversidade que me esgarçava se apresentava a mim nas dimensões: socioeducativa, estética, política, nas performatividades sexuais, nas relações de gênero, de classe, de raça e geração e, que estas, acionam outros modos de estar sendo na docência, pois transcende aos conceitos

lidos, emergem na minha experiência das práticas pedagógicas como dimensão e princípio que me provocam a pensar na professoralidade que me atravessa em formas não lineares da docência de modo implicado e em constante devir.

No estudo do método cartográfico, o sujeito é um cartógrafo aprendiz de afetamentos. Vamos de fato aprendendo [...] “a ser afetado pelas pessoas e coisas” (POZZANA, 2015, p. 59). “abrir a ciência para os domínios dos dramas, juntar-lhe afectos, perceptos e conceitos”, como nos convidam Fonseca, Nascimento e Maraschin (2015, p. 12). Nesta rede de elos e conexões, a sensibilidade e os afetos entram em cena, e passo a aprender novas lições como professora-pesquisadora e as lanço aos meus orientados e orientadas, meus estudantes da graduação, objetivando que nesta aventura de aprender e arriscar, realizemos a busca de outros modos de fazer pesquisa em educação, “[...] despedaçado pela racionalização que prevalece nas ciências humanas [...]” (2015, p. 12).

Destes despedaçamentos, afetos, percepções e conceitos vou constituindo a minha professoralidade, que como nos aponta Marcos Pereira (2016) ao invés de nos perguntarmos *o que é* ser professor, o autor nos convida a nos perguntarmos *como* somos professores/as? O entendimento do autor é evitar o estabelecimento de um perfil identitário, já que para ele “[...] a professoralidade não é uma identidade que um sujeito constrói ou assume ou incorpora, mas de outro modo, é uma diferença que o sujeito produz em si”. (PEREIRA, 2016 p. 35). Neste sentido, a formação e o desenvolvimento profissional são dimensões da profissão e se articulam como processo sempre multifacetados numa relação de forças que se afetam.

Desde que comecei a atuar na iniciação científica na Uneb em 2015, a pesquisa, o ensino e a curricularização da extensão, se revestiram de dimensões da mesma realidade, embora tenha dado centralidade ao ensino com pesquisa sem deixar de ser atravessada pela extensão na interface em muitas atividades realizadas, a exemplo do Estágio Supervisionado no curso de Letras. Embora a extensão, só tenha recebido esta denominação em outubro de 2019, com a aprovação da Resolução 2018 que regulamenta as ações de Curricularização da Extensão nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação ofertados pela Universidade do Estado da Bahia.

Esta implicação que aprendi a tecer requer intervenção, movimentos em busca de construção de outras possibilidades a partir da ação docente e das questões que dela emergem e são elementos da realidade que é sempre multidimensional. Assim, fui

aprendendo a tecer os fios do ensino com pesquisa e vice-versa, a conhecer os estudantes e suas histórias de vida, seus dilemas e alegrias, suas dificuldades e desafios e a importância da Uneb na vida de cada um/a, ainda que não tivessem consciente disso.

A clareza de que a bolsa de IC é política afirmativa, que contribui para que estes estudantes permaneçam na universidade a fim de elaborarmos distintos textos e apresentá-los em eventos da área da educação e diversidade, enfim, protagonizar nossas formações na docência, com autoria da nossa trajetória de formação e auto formação. Estar na IC apresenta fecundas contribuições para a formação docente inicial com vistas à construção de um processo educacional de formação humana emancipatório, que tem marcado os projetos educativos da universidade, cuja tônica está no trabalho que prioriza a parceria entre Universidade e Educação Básica, numa perspectiva colaborativa. Além disso, nossa ação entre Graduação e Pós-Graduação sistematiza e contribui para que estudantes e docentes aprendam juntos a pesquisar, tendo no/a orientador/a uma referência de quem ensinando pesquisa e pesquisando ensina, num processo sempre dialógico e colaborativo.

A bolsa de IC representa para nossos estudantes, advindos majoritariamente de classes populares, a real possibilidade de permanência no curso de licenciatura, já que a bolsa, mais que um valor simbólico, auxilia a produzir a existência do bolsista de IC, ajuda no custo do aluguel, pagamento de contas de luz, água, fazer feira etc. Embora muitos sejam atendidos pela residência universitária, quem consegue uma vaga, faz render o valor da bolsa ao economizar o aluguel e pode comprar mais livros e ir a mais eventos, por exemplo. No atual contexto de perda dos direitos, poderemos ter esta realidade apenas como memória e experiência de uma universidade incluyente e democrática, laica, socialmente referenciada que pode vir a não mais existir. Estes dados de realidade nos remetem a outros fios, pelo viés da leitura de si e do outro, pelas conexões da cartografia.

## **2. Narrativa cartográfica 2 – O manejo com o dispositivo da documentação narrativa**

A Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, doravante, DNEP, é um dispositivo de investigação centrado nos saberes docentes, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Memória Docente e Experiências Pedagógicas da Universidade de Buenos

Aires<sup>4</sup>, difundido no Brasil em alguns trabalhos como do Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica – DIVERSO, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

A DNEP para Daniel Suárez se configura numa pesquisa-experiência e se confunde com o jeito de pensar e viver o universo do estudo, com as possibilidades que o território da experiência e do saber construído como “política de conhecimento”. (SUÁREZ, 2007). Deste modo, Adelson Oliveira (2020), nos convoca a ampliar os sentidos da DNEP, tomando-a como um movimento horizontalizado em que a pesquisa em conjunto com os sujeitos colaboradores/as, borram e rasuram o paradigma de pesquisa da modernidade, já que a mesma será desenvolvida pelo/a pesquisador/a, num movimento contínuo de aprendizado e rompimento da hierarquia e da pesquisa predatória.

Esta circularidade diz respeito a alteridade e a dialogicidade horizontal como princípios da DNEP, pois visa promover entre o/a pesquisador e o/a professor/a narrador/a a reconstrução de sua experiência pedagógica, haja vista que ao narrar, escrever, comentar e reescrever, damos centralidade à experiência como formação, acionamos a reflexividade de nossas práticas pedagógicas, num convite a olhar novamente para o que apenas tinha sido olhado, mas não enxergado, nem refletido.

Assim, o/a pesquisador/a também se narra e põe-se em análise, tematizando sua prática pedagógica com os pares, sem julgar, mas, buscando elementos constitutivos da prática que atravessaram, tocaram, transformaram nossos saberes-fazer, elegendo uma experiência para comunicar, a fim de fazê-la circular, ter visibilidade, pois é no coletivo que ela é comentada, refletida, validada entre os pares. Configura-se como um pensar que não fixa, nem esteriliza o saber pedagógico, e sim, promove um pensar por si, pensando com o outro, mobilizando outra geopolítica de conhecimento, centrada na alteridade, autoria docente, aquilombando-se no coletivo, reinventando-se numa expansão e abertura cuja ação de percepção de si e do outro, atualiza o conhecimento, concebendo-o como conhecimento científico autoral.

---

<sup>4</sup>A DNEP se centra no processo de documentação, pois se constitui como mobilizadora, um marco para a indagação narrativa e a reflexão sobre as experiências e a própria prática que serão documentadas. Para maior aprofundamento ver: ALIUD e SUAREZ (coords) El Saber de la Experiencia: Narrativa, Investigación y Formación Docente. 1a ed. - Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires; Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2011.

As reflexões iniciais narradas sobre a DNEP têm o propósito de arriscar a realizar diálogos considerando a experiência que me toma e se encarna pelo ato da escrita para dizer de mim e dos outros e outras que vivenciaram comigo a experiência da formação como leitura de si, nesta narrativa cartográfica apresentando aspectos de algumas invenções de mim na docência, pois ao narrar já não sou mais a mesma, ou seja, somos outros, diferentes e interseccionados/as pelos marcadores que nos atravessam. Neste sentido, meu esforço é tensionar e promover diálogos cartográficos a partir da minha (auto)cartografia docente.

Para realizar este diálogo a narrativa da experiência pedagógica é gestada das orientações de Iniciação Científica (IC) na Universidade do Estado da Bahia - Uneb, iniciada em 2015, quando concorri ao primeiro edital e a DNEP, é manejada como um dispositivo de pesquisa que produz a construção dos dados, concretizados na produção escrita da experiência narrada. Fui afetada em minha prática pedagógica pela diversidade como princípio educativo e suas dimensões sociais que nos move a buscar nas linhas de fuga – ou seja, nas desterritorializações.

Percebi as condições de existencialidades outras, na universidade. Este movimento desterritorializante me afetou ainda na escrita desta experiência da (auto)cartografia que marcam o estilo da minha escrita (auto)cartográfica. Ao aprender a ler o outro, com suas histórias de vida, o corpo como um texto performativo, me dei conta que para afetarmos o outro como docente, precisamos antes, enxergá-lo/la, nos abrir em forma de acolhimento, de afeto e de escuta. Antes dos conteúdos conceituais, os conteúdos atitudinais revelam muito mais de nós e dos nossos estudantes.

O que me dizem e como leio as mãos suadas e nervosas de alguns dos meus e minhas estudantes? A dispersão, os gaguejos, a insegurança e voz baixa quando são solicitados a falarem? O que nos ensina o silêncio e quietude de alguns e algumas, enquanto a maioria tagarela de modo vivo e dinâmico? Observando, descobri sobre depressão, orientação sexual, timidez, racismo e suas formas, gordofobia, violência sexual na infância e adolescência, tristezas e melancolias, proselitismo religioso que cega e se fecha em uma crença única, que exclui as demais. Estudantes jovens que queriam desistir da vida, que já não acreditavam ser possível lutar, ser feliz, (re) esperar o mundo, (re) existir para continuar existindo.

O que nos ensinam os textos escritos e reescritos muitas vezes, até que finalmente ganhem coerência, autoria, textualidade, fluência? Se não acreditarmos que é

possível aprender e ensinar, exigindo amorosamente do/da estudante, estimulando-os/as, apresentando através da nossa afetividade e rigor, que ele e ela são capazes de serem mais, sempre mais, quais sentidos teriam a docência? Como contribuir para que irrompa a diferença, a produção da subjetividade, a inventividade que vai forjando os futuros professores/as que vamos formando, movidos por uma educação menor, das miudezas dos encontros potentes?

Quando cada estudante repete a reescrita do texto, não é mais o mesmo texto, mas o texto ampliado, aprofundado, rasurado, um dizer outro, um estranhamento que os deslocam ao reler o texto e se perguntar: escrevi isto?!!!! Como pude escrever tal coisa deste modo reprodutivo, genérico, vago? Cada comentário da docente, da orientadora, do/a colega, promove deslocamentos, ou seja, linhas de fuga, desterritorializações. Neste fazer descrito pela experiência, compreendi que o suporte da prática pedagógica é a repetição, por ser uma nova construção e não a representação. Ao repetirmos não somos mais os mesmos, disso se encharcam nossas aprendizagens situadas, implicadas.

Ela, a repetição, se constrói nas frinchas e brechas, nas falhas, no não roteirizado, mas na construção dos mapas, nas cartografias, nas narrativas, nas inventividades, no desenho, nas imagens bricoladas, danças, pinturas, alterando o decalque, invertendo formas, buscando o novo na sua diferença, não na representação do texto novo pelo antigo – mas no que ele traz de novo contagiado pelo desequilíbrio e pela abertura de uma nova construção. Uma experiência pedagógica de sensibilidade que entrelaça pesquisa e vida. Experiências gestadas e potencializadas que dialogam com os sentidos da existência destes sujeitos-formas na escola e na universidade, narradas e cartografadas através de mapas sempre abertos e desmontáveis.

As práticas pedagógicas rizomáticas se caracterizam pelas potencialidades, cartografias e mapas; narrativas insurgentes – que brotam do terreno cinza, duro e frio de um terreno estriado fazendo acontecer o movimento nômade do conhecimento, da repetição, do não fechamento do rizoma, pela irrupção do acontecimento, do devir, do novo. As práticas pedagógicas arbóreas são: hierárquicas, reprodutivas, decalques; profetizantes e deterministas.

Cada repetição de aula, de orientação, vai produzindo distintas marcas das formas-professoralidade que habitam o território existencial da escola e da universidade em que os sujeitos produzem subjetividades cambiantes, como autores/as, personas, seja ela a produção material de um texto, um desejo, um afeto, pois estamos numa sociedade

capitalista que instaura a máquina da produção em todos os campos do conhecimento, da indústria, nas distintas camadas sociais.

Estes afetamentos com cada estudante quer de IC ou não, me fazem movimentar a rede de afectos e promover com eles e elas no grupo de pesquisa, por exemplo, o diálogo, a parceria, a escrita colaborativa entre graduandos e pós-graduandos. Esta experiência tem sido para mim uma das mais potentes, pois acompanha os processos, as paradas que fazemos como pausas no campo da experimentação experienciada, da repetição, que nunca é a mesma nem igual nas aprendizagens e nas escritas que vamos reescrevendo e que ao mesmo tempo nos inscreve no texto que escrevemos. Cada linha é conectada a outras linhas, seja combinando outras linhas, ou derivando, saindo da rota, desequilibrando, para produzir outras aprendizagens numa teia rizomática, tecida junta.

Minhas formas-sujeito são variadas e compõem meus devires: docente, mãe, orientadora, amante, mulher, corredora, feminista, coordenadora de colegiado, irmã, filha etc. Dentre estas formas-sujeito uma delas me afeta e me deixa feliz e em estado de potência, a que os/as IC atribuíram-me o apelido carinhoso de “hétero *queer* babadeira” e que, segundo eles e elas, diz respeito ao modo de acolher estudantes que pesquisam temas da diversidade e que esta, em suas dimensões: de gênero, de sexualidade, de raça/cor, classe social e que com a convivência comigo e demais colegas vão sentindo-se encorajados a narrarem sobre os desafios de assumirem-se com seu gênero, suas expressões de sexualidade, seus corpos e passam a me apresentar seus namorados, parceiros [eles] e suas namoradas, [elas], assim como os héteros apresentam suas namoradas e seus namorados.

São partilhas que me encharcam de vivências, alegrias, choros, desafios de distintas ordens, por (re) existirmos numa sociedade marcada pelo preconceito racial, sexual, de classe, pelo sexismo, pelo machismo que afeta, adocece e ceifa vidas. Deixo, pois, mais uma pista para pôr atenção ao que cartografei de minha experiência docente, ao me dar conta de que o estudo da cartografia me ensinou que a atenção e pausa constituem o ato de pesquisar e ensinar e vice-versa, pondo atenção aos movimentos, suas linhas de ginga, pontas soltas, as aparentes falta de sentido entre as linhas e conexões, já que cada movimento é não linear, tal qual a vida, em sua potência existencial, pois o [...] “o rigor da investigação cartográfica reside na irredutível atenção aos movimentos da subjetividade na paisagem existencial, suas pontas de presente, seus

fios soltos, suas linhas de fuga em relação à estratificação histórica”. (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015, p. 203).

Deste modo, ao apresentar um registro acerca da minha prática pedagógica é sim, uma produção de conhecimento. Dei-me conta apenas ao escrever sobre esta experiência, para fazê-la visível em todas estas singularidades e na diferença que marcam os sujeitos, que oriento, quer na iniciação científica/graduação, quer na pós-graduação, aos estudantes, meus parceiros e parceiras de aprendizagens.

Considerando nossos agenciamentos no coletivo e nas relações entre orientadora e orientandos/as, percebe-se que o pessoal e social estão imbricados um no outro, e que os dois são variáveis históricas, pois gestam a experiência para narrar, registrar, sobre o que aconteceu e o que sentiu. Assim, me implico de modo agenciado ao narrar o que aconteceu neste processo experiencial de orientar e me (re)orientar, e, de modo feliz e concreto, defender este movimento formativo e auto formativo entre Graduação e Pós-Graduação.

Aprendo continuamente e demarco que dentre as inúmeras aprendizagens produzidas em mim e nos orientandos e orientandas, foram elencadas as que compreendi como centralidade na/para a formação da docência, quais sejam: a ética, pois a vida que se expõe à nossa, nos ensina o *ethos* da confiança, da escuta, sem juízo de valor sobre os sujeitos. Estes/as se expõem a nós e nós a eles e este ato nos permite passagem, movimento de expansão dos saberes, cartógrafo-psicólogo, no sentido do cuidado de si e do outro. A narrativa de uma das minhas orientandas ao adentrar a escola da educação básica para realizar o estágio supervisionado, nos ensina sob diversos aspectos, mas vou destacar aqui a aprendizagem da ética e do acolhimento na docência.

A referida orientanda foi recebida pela gestora com a seguinte questão: “Você é menino ou menina? Ela ao narrar esta cena, registra não apenas o susto diante da questão, mas como agir diante do fato, e como adentrar a sala de aula e dialogar com os estudantes. Será que seria estigmatizada por elas/as? Resolve então, compreender o episódio com a gestora, como caminho de aprendizagens e ensinagens na docência. E na sala de aula, começou dialogando com a turma sobre os modos de estar sendo de cada um/a de nós: estudantes, professores/as, pais, filhos/as e perguntou sobre cabelos curtos, longos, pintados, alisados, coloridos etc. Dialogaram sobre os diferentes tipos de cabelos dos professores/as da turma e questionou sobre o seu corte de cabelo curto e

escutou as opiniões dos estudantes, que apontaram para a liberdade do gosto de cada um/a. Deste episódio emergiu também o debate sobre identidade de gênero e os afetamentos advindos das aprendizagens tecidas. Relatou a importância dos estudos realizados na iniciação científica sobre a diversidade e as identidades de gênero, bem como dos demais marcadores sociais que nos atravessam e já apresentamos neste texto.

Desta cena aprendente destaco dois outros aprendizados para nossa prática pedagógica, que sempre é relacional e se configura palco de mudanças e intervenções: a desterritorialização dos processos educativos, a busca do novo, pois não somos apenas professores que professam, haja vista que não professamos uma verdade, as verdades são como versões de verdades e todas nos educam e reeducam. Deste modo, ser professor militante, transcende o professor profético, pois não apenas denuncia, mas, sobretudo, anuncia a capacidade de se indignar, afetar-se, mobilizar-se no encontro com o outro, em busca das subjetividades dos seus educandos/as, defende o valor do sujeito como fim em si mesmo. Compreende as inúmeras pobreza que cercam a sala de aula e seu entorno, tanto da educação básica quanto da universidade, dentre elas: pobreza política e cultural, da comunidade escolar, dos corpos etc., mas nestas pobreza, é imprescindível perceber que há riquezas, multiplicidades, tal qual a realidade e suas multidimensionalidades, assim como no escuro há a luz. Perceber a escola como território de múltiplas possibilidades, tanto quanto seu entorno, brincando com as sombras e os sentidos das aprendizagens.

O segundo diz respeito à compreensão e ao reconhecimento dos sujeitos da diversidade e ao chamado que me fazem para mudanças pedagógicas. Assim, é imprescindível que a narratividade da experiência seja central nas práticas pedagógicas. Para isso, o reconhecimento da impossibilidade de construção de uma narrativa única, que pretende dar conta da totalidade da história, me apresentou ao longo destes anos nos processos de orientação aos/as estudantes, as condições para a insurgência de novas e múltiplas diferenças que geram a diferença na busca por espaço político através de suas narrativas quer no coletivo das orientações, quer no grupo de pesquisa, se mostraram construções de narrativas insurgentes na academia e nas escolas da rede básica.

### **Considerações Finais**

A análise da realidade se coloca como urgente e não pode fugir à discussão criadora, potente, que é produzida nas relações de ensinagens e aprendizagens porque tecidas com o outro de modo plural, considera os distintos tempos de cada sujeito aprender, pois ao dizerem de si, de seus corpos e suas performatividades das sexualidades, nos apontam a diversidade como capaz de contribuir para responder e corresponder às demandas contemporâneas dos sujeitos de direito. Demandas estas, que se fundam nas reivindicações de cidadania, direitos humanos, relações de gênero, performatividades sexuais, inclusão, educação do campo, indígena, quilombola, étnico-racial, de jovens e adultos e idosos, pois a oferta da educação já em si mesma diversa, como diversos somos nós, estudantes e docentes.

Esta compreensão da minha prática pedagógica me (des)loca e me deixa feliz pela descoberta contingencial que me constitui professora em processo de permanente desenvolvimento profissional numa coletividade com as formas-sujeito que me marca, ao rejeitar o enquadre essencialista e pessoal do indivíduo. Agradeço efusivamente a cada estudante e cada orientando/a que me ensina no movimento coletivo, o pluralismo e a multiplicidade de ser uma e diversa, de aprender enquanto ensino e auto formar-me na repetição na qual brotam as diferenças e a diferença.

Sem essas afetações eu certamente não teria a possibilidade de maior e melhor compreensão da professora que estou me constituindo, sem comparar ou me assemelhar aos outros. Todas as aprendizagens tecidas com eles/as, estudantes e futuros professores/as e outros tantos orientandos/as e colegas que, como eu, já estão na docência há algum tempo, me mobilizam como experiência de sensibilidade. É ensinando com o/a outro/a que aprendemos colaborativamente, pois, como saber que um/a estudante, pode se tornar professor/a competente? Aprendi com eles e elas, que para que esta ação se torne possível é imprescindível que descubramos que o aprender não se faz como alguém, mas com alguém, sempre de modo heterogêneo, em processo nada fácil.

A escrita desta narrativa aqui cartografada trouxe para mim e certamente para outros/as leitores/as dessa experiência e para professores/as que as produções das subjetividades nos convocam a permanecer desassossegados e afetados afirmando outros modos de habitar a docência com as aprendizagens advindas dessas formas-professoralidade, desse fazer sempre heterogêneo marcado e atravessado pela diversidade.

A síntese desta experiência se traduz num saber pedagógico que nomeio como saberes abertos e em disputa pela/na/com a diversidade. As atividades realizadas ao longo do processo da formação docente inicial, para os/as estudantes, e a formação em exercício para mim, porque tecida com, dão suporte para que os alunos/as, futuros/as docentes signifiquem situações de experiência através da pesquisa, afinando as aprendizagens de escuta, do acolhimento, do *ethos* da confiança construído ao longo do processo.

Esta significação possibilita o registro e a documentação de estudos sistematizados nos encontros do grupo de pesquisa, compreendendo a pesquisa como princípio educativo-emancipatório, científico e cognitivo, além da construção de aprendizagens com professores/as mais experientes e em constante formação, atentando para os desafios de estarem constituindo-se na profissão docente. A convivência e partilha com estudantes da pós-graduação, revitalizando e operacionalizando a interação com a graduação, a apropriação da escrita acadêmica e seus gêneros discursivos; experimentação ancorada no real da dinâmica da escola e da sala de aula através dos processos formativos da imersão no campo empírico da pesquisa; aprendizagens efetivamente colaborativas, tendo como protagonismo os estudantes e suas descobertas como pesquisadores/as iniciantes, como construção de experiências efetivamente transformadoras e em rede.

E, por fim, para dar uma pausa neste texto, destaco ainda as aprendizagens de outros modos de existência mais integrados, colaborativos, libertadores, que aprendo com os meus e minhas orientandos/as, com meus estudantes e meus e minhas colegas de profissão como estéticas da existência, brotando em nós.

Como visto, tanto a DNEP quanto a cartografia, considerando os princípios orientadores de cada uma, favorecem a escrita autoral, colaborativa e implicada da prática pedagógica, cujas vozes dos/as docentes ressoam, em outras vozes e nos convoca para uma humana docência em que a escrita da experiência produz a tematização da prática, sem julgamento e juízos de valores, deste modo, a experiência como formação, é a centralidade.

Destacamos ainda a horizontalidade da formação realizada que aponta para o afeto, o *ethos* da confiança como mobilizadores da reflexividade da epistemologia da práxis. Ademais, ao realizarmos o manejo do referido dispositivo, advogamos um pensamento nômade que não se fez em paradigmas, mas sim, hibridiza o conhecimento,

contaminando-o da pesquisa-vida-formação, cujos afetamentos e deslocamentos, produzem sentidos distintos para os sujeitos da experiência, gerados pela escuta acolhedora e reflexiva, como princípio educativo. Ao lermos, comentarmos e provocarmos os sujeitos nos seus textos, o fazemos acionando indagações acerca dos saberes-fazer docentes, atentando para o não desperdício da experiência, a fim de potencializar no coletivo, a experiência documentada que queremos fazer circular e dar visibilidade, como micropolítica em defesa de uma educação menor, como máquina desejante<sup>5</sup>.

### Referências

ALIUD e SUAREZ (coords) *El Saber de la Experiencia: Narrativa, Investigación y Formación Docente*. 1a ed. - Buenos Aires : Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires; Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2011.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. p. 52-75. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA Liliana da. (orgs). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

GUATARRI Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. p. 76-91. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA Liliana da. (orgs). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

OLIVEIRA, A Dias de; RIOS, Jane A. V (2020). Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas: saberes docentes do Ensino Médio rural a partir da realidade da escola. *Márgenes, Revista de Educación de la Universidad de Málaga*, 1 (3), 230-249.

PEREIRA, Marcos Villela. *Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016. 248p.:il.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco (coord.) *Profissão Docente na Educação Básica da Bahia*. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2016.

---

<sup>5</sup>Ver em *O Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari (2010) sobre a noção de máquina desejante, para fundar uma economia política imanente, na qual o 'desejo' pudesse afinal ser ontologicamente (e economicamente) reconhecido como força produtiva. Ver ainda como o conceito de educação menor mobiliza as micropolíticas – estratégias da economia do desejo no campo social, “devires minoritários” no pensamento de Deleuze que se apresenta como inseparável de uma política menor, como invenção de estratégias para a constituição de novos territórios, outros espaços de vida e de afeto, uma busca de saídas, desvios, arrombamentos, protestos, para territórios sem saídas. Ver: GUATARRI; ROLNIK, 2013.

SUÁREZ, Daniel H. Docentes, narrativa e investigação educativa: La documentación narrativa de las prácticas docentes y la indagación pedagógica del mundo y las experiencias escolares. Sverdlick, I (Comp.), *La investigación educativa. Una herramienta de conocimiento y acción*. Novedades Educativas: Buenos Aires, 2007. 71 – 110.